

O TEMPO DO REINADO DE DEUS E DO REINADO DO HOMEM...

Jorge Jaime de Souza Mendes*

SÍNTESE – O autor realça a dicotomia entre as idéias de Homem e de Deus, igualmente enfocada em J. P. Sartre e em Nietzsche. O conteúdo axiológico em Deus contém a afirmação absoluta do Homem, logo, não são idéias contrárias, uma vez que o homem tende para Deus. As metas humanas estão contidas na idéias de Deus, portanto, não nos é lícito proclamar "a morte de Deus" antes que o homem se transforme em Deus...

ABSTRACT – In this article the author enhances the dichotomy between the ideas about man and God, focused by J. P. Sartre and Nietzsche. The axiological content in God contains the absolute affirmation of man; therefore, they are not opposed ideas, since the human being tends towards God. In the idea of God human goals are contained. Therefore, the proclamation of "God's death" isn't allowable, before man changes himself into God...

Sartre, numa de suas peças, *O Diabo e o bom Deus*, coloca na boca de seus personagens, idéias sobre o homem em oposição a Deus:

– "Nada existe... nada; só temos, mesmo, a nossa vida".

– "Matei Deus, porque ele me separava dos homens".

– "Eu me perguntava, a cada minuto, o que eu poderia ser aos olhos de Deus.

Agora, já sei a resposta: nada. Deus não me vê, Deus não me ouve, Deus não me conhece. Vês este vazio sobre nossas cabeças? É Deus. Vês esta brecha na porta? É Deus. Vês este buraco na terra? É Deus, ainda. A ausência é Deus. O silêncio é Deus. Deus é a solidão dos homens".

– "Se Deus existe, o homem nada é".

– "Se Deus não existe, não há meios de escaparmos aos homens".

– "Prefiro ser julgado por um ser infinito, a ser julgado por meus iguais".

– "Deus não existe. Ele não existe... estou me libertando e libertando-te a ti.

Não mais Inferno, não mais Céu: a terra, apenas a terra".

– "Como és *verdadeiro* depois que ele não existe".

– "O reinado do homem está começando. E começando bem".

Ora, Nietzsche já anunciava a morte de Deus. Os marxistas quiseram enterrá-lo e não o conseguiram...

* Da Academia Brasileira de Filosofia.

De um lado, Deus; de outro, o Homem. E o Super-Homem no meio, como o caminho do homem a Deus: a estação intermediária que levará o homem a igualar-se a Deus.

A morte de Deus, ou a sua sempiterna permanência entre os homens? – eis o problema, a pergunta que se formula. Deus, com esta temática, perde a sua respeitabilidade. Quando se tornar imprestável, será lícito jogá-lo na lata de lixo?... Deus se vulgariza, e os contrários não se mesclam numa nova síntese: – de um lado, Deus, a sua existência suprema, infinita – e de outro, o homem, carente, submisso, inferior, massacrado, como um nada ao lado da grandeza absoluta de Deus. "Se Deus existe, o homem nada é..."

Matando-se Deus, pode-se, enfim, criar o homem, o Super-Homem, para o substituir. O homem deixa de ser o fraco, o inferiorizado, o frágil, porque já não existe a medida absoluta para amesquinhá-lo. Ele cresce sem Deus.

E surge a questão de saber-se se o homem criou Deus, ou se foi criado por ele. À semelhança de quem houve esta criação?... Se o homem criou Deus, não o fez à sua imagem, mas à imagem do Super-Homem, porque, em Deus, há a representação do homem superior: o que não morre, o que não envelhece, não se avilta, não comete crimes, não tem doenças, não se nega como um ser perecível, que se destrói num não-ser... Se Deus criou o homem à sua semelhança, pode-se perguntar que *semelhança* é esta tão longe do ser com o qual se assemelha... Nada há mais distante de Deus do que o homem; pode-se medir esta distância pela quantidade dos valores que o homem revela: quanto mais necessita, mais almeja, mais é carente, tanto mais distante está de Deus, onde tudo se afirma plena e absolutamente... O real, o axiologicamente válido, é o homem pretender ser Deus, igual a Deus. Deus é a síntese platônica dos arquétipos. Para que o homem aposente Deus deverá estar absolutamente afirmado, isto é, ter existencializado Deus em si mesmo... Deus há de estar num ponto axiológico fixo; não poderá estar sempre fugindo do homem, como a felicidade do poeta que nós sempre pomos onde não estamos... Isto quer dizer que precisamos *clarear* as afirmações do homem que estão em Deus, para que se entendam as metas humanas, os caminhos a serem percorridos do homem à sua existencialização com Deus...

Deus é o que completa as necessidades humanas: a lógica, a planejamentoológica; e aparece como fé, como esperança, no impulso que leva o homem a perseguir o bem capaz de sanar-lhe a carência. Deus faz-se o itinerário do homem aos bens e se insinua como afirmação no evoluir humano do ser ao seu infalível não-ser. É o homem-ser afirmado eternamente, é o absoluto da afirmação.

Não se pode negar o caráter axiológico de Deus: – é valor, é a meta a ser atingida, é o homem e sua consciência, o seu ser, afirmado em sua completa plenitude. Isto significa que o homem tende a se igualar a Deus; significa que a onipresença, a onipotência e a onisciência divinas precisam ser existencializadas no homem. Se os limites naturais do homem não lhe permitem atingir essas qualidades de Deus, ele só as poderá atingir com o auxílio da inteligência, criatividade e tecnologia: – a ciência a serviço das técnicas que lhe aumentem a presença, a potência e o conhecimento. Deus está presente, é poderoso e conhece tudo absolutamente. O homem não. Mas este quer se igualar Àquele: quer se fazer à semelhança desses arquétipos axiológicos. Nesse momento, Deus faz-se valor: é a síntese

absoluta de todos os valores. E se deve entender valor como as relações insofismáveis, objetivas, entre as necessidades humanas e os bens, que as resolvem, eliminando-as. O valor está objetivamente nas coisas-bens. É um anseio à afirmação do eu ao seu continuar-eternamente-sendo. Porque o ser é – e disto tem consciência – pretende continuar sempre sendo. A lógica do homem não elimina os contrários, não os unifica numa nova tese – como queria Hegel. O ser-homem – e a sede desse ser é a sua consciência, onde se afirma – não admite, jamais, o seu contrário, o seu não-ser, que está infalível no seu destino evolutivo, como o fim natural do ser. A eternidade – que é a atemporalidade, a ausência do tempo do ser-do-homem – é a única coisa certa ao futuro não-ser da consciência que foi... O drama é que o homem tem a eternidade no seu não-ser, mas que ele a quer no seu ser; quer esta eternidade em vida, durante a vida e, nunca, depois da morte, em hipótese não muito provável... A vida esticada além da morte é hipotética e a certeza faz-se sempre realista. O homem, jamais, conseguirá a conciliação dos seus absolutos contrários, que são a vida e a morte, o seu ser e o seu não-ser. Não há lógica capaz de tal milagre. Superando a oposição, Deus, sendo a síntese da afirmação, impõe os seus absolutos: o homem continuará sendo além da morte; a morte física é superada pela transcendência hipotética de uma vida que viajará pela eternidade. Como realce desta afirmação, surge a necessidade de se acreditar num céu e num inferno, porque o homem valoriza a vida absolutamente afirmada. O céu é esta afirmação reafirmada além da morte. E o inferno é a negação – ou prenúncios da negação – levada ao absoluto do eterno. Os princípios da Moral ou Ética firmam-se, no plano religioso, nesse prêmio ou castigo eternos. No plano axiológico, não se admite isto porque a afirmação ou negação de uma conduta é a determinação das causas e efeitos, em relações perfeitamente observáveis. Moral é tudo o que afirma o homem na medida de seu absoluto, e imoral o que o nega. E as medidas da moralidade devem ter por dimensão o *bem*, que é a afirmação plena temporal do homem, que se faz arquétipo-meta-a-ser-atingida: o homem-síntese-de-todos-os-valores (como Deus o é...), aquele sempre belo, a tudo presente, totalmente potente, imensamente inteligente. O homem-deus cria-se, assim, na soma dos arquétipos afirmativos: não envelhece jamais, não morre, não sente dores, não é ameaça, nem em potência, nem em atos, a outros homens, de nada é carente porque não apresenta mais, em sua consciência, os valores; isto é, nada mais valoriza pois tudo possui: os bens o completam absolutamente. As relações necessidades-bens estão superadas porque as necessidades deixam de existir no momento em que, logo que se insinuam, são satisfeitas pelos bens. O homem, atingindo este ponto, é Deus, existencializa-se em Deus, iguala-se a ele, e dele não mais precisará. A morte de Deus só será possível com a afirmação absoluta espaço-temporal do homem. Até este momento, Deus será sempre uma necessidade, um valor, arquétipo-meta-a-ser-atingida, que terá muito de planejamento-lógico, de estético, de ético, enfim, de todas as categorias axiológicas...

Quando o homem jogar Deus no lixo, não será mais homem: será um homem-deus, um super-homem, um semi-deus ou um próprio Deus...

A lógica axiológica não estabelece os contrários entre Deus e o homem; a lógica formal pode realçar os contrários, morte e vida, porque se sucedem no plano ontológico. No plano axiológico, não há contrários, não há a evolução da tese à an-

títese para se atingir a síntese, que será o início de nova tese. O processo é outro: vai da necessidade-valor ao bem-valor (da subjetividade-valor à objetividade-valor) passando pelo impulso ao bem instintivo-racional, planejamentoológico, através da fé, com os olhos na meta-final-Deus. Entre necessidade e bem não há contrários: há caminhos a serem percorridos... enfim, o caminho do homem aos seus arquétipos, à sua afirmação absoluta, do homem a Deus...

Das relações necessidades-bens surgem o homem-amor, o homem-agressão, o homem-angústia. Necessidades satisfeitas significam, como resultado, o homem amoroso, calmo, tranqüilo... Havendo muralhas, difíceis de transpor entre as necessidades e os bens, surge o homem agressivo, violento... Se as necessidades estão presentes e os bens inseguros, imprecisos, se não há bases de sustentação, nasce o homem angustiado... Isto já ficou comprovado, sobejamente, em experiências psicológicas comportamentais da escola behaviorista. É lógico, axiologicamente, que a moralidade é a afirmação e que só o homem amoroso é o moral; o agressivo e o angustiado são imorais, como imorais são os mundos nos quais foram criados, pois foram as causas da agressividade e da angústia. Moral é o homem que se afirma absolutamente; imoral o que o nega ou apresenta esta potencialidade... Por isto nos é lícito sustentar a tese de duas espécies de moralidade: a natural, que resulta da própria negação evolutiva, do como-é, e outra da ação do homem, de sua incompetência, negligência, imperícia e até mesmo do seu livre-arbítrio, se é que ele o possui... A racionalidade científica-lógica não pode admitir o livre-arbítrio. Há, também, uma imoralidade planejamentoológica quando o planejamento-ação afasta o homem de Deus-meta-a-ser-atingida. O homem-deus será isento de qualquer imoralidade natural ou humana. Superará a natural pela tecnologia: pois não morrerá, não envelhecerá, não sentirá dores, nada valorizará porque tem tudo, tudo o completa: os bens incorporam-se estruturalmente ao seu ser não mais carente... A humana – com fundamentos no livre-arbítrio – também será superada tecnologicamente porque a ciência será capaz de transformar um agressivo, um angustiado, num amoroso com uma simples injeção ou pílula...

Não se pode, pois, admitir Deus como o contrário do homem... Deus é o-homem, amanhã... Se a tecnologia, num absoluto de imoralidade, existencializar o contrário *morte*, fazendo desaparecer toda a Humanidade, num apocalipse atômico, por exemplo, o homem não atingirá Deus: virará não-ser, antes que seja o ser absoluta e axiologicamente realizado, meta para a qual sempre esteve naturalmente programado... Se o reinado do homem está começando, se Deus, aos poucos, já morre, com o avanço da tecnologia, que nos permite acelerar a presença, a potência e os conhecimentos, rompendo com os naturais limites humanos, cresce a responsabilidade livre-arbitrista e também a importância da Moral como ciência positiva pois esta ditará racionalmente as regras a serem impostas na estruturação mais ampla da Humanidade que condenará as simples soberanias parciais e ressaltará a necessidade de se estruturar os homens numa só e total entidade jurídica... A implantação do Super-Estado, que tenha todos os outros sob sua ordem, é uma imposição da moralidade internacional. Não se pode mais admitir que o não-ser dos homens já esteja fabricado, à espera do mau-humor de um dirigente que aperte os botões capazes de dispará-los... Será a tecnologia a suprema imoralidade?... Esta pergunta já preocupava Rousseau... Diante da absoluta imoralidade em potên-

cia armazenada nos principais países só nos resta a valorização absoluta do todo humano com forças de impor um desarmamento coletivo e a absoluta valorização axiológica em Deus...

Não é esta a época, pois, de se anunciar a morte de Deus... e sim, a sua ressurreição gloriosa, racional-axiológica, impositiva, determinante como salvação, como moralidade, como fundamento do Direito Internacional, com a bandeira da afirmação do homem desfraldada, ressaltando a Humanidade inteira estruturada num único país soberano... E Deus se fará norteador do homem que se afirmará perenemente. Para esta afirmação absoluta precisará dos recursos tecnológicos. A moralidade estendida à tecnologia nos dirá que a ciência pela simples ciência já não tem mais sentido, mas sim a ciência encaminhada para o bem. No futuro, só se poderá admitir a tecnologia que for válida axiologicamente. A que nos pode ameaçar de negação precisa, o quanto antes, ser jogada no lixo. Não Deus, que é a meta da absoluta afirmação...